

PAGU

AUTOBIOGRAFIA PRECOCE



COMPANHIA DAS LETRAS

Não escreverei aqui hoje sobre a morte ou sobre mortes. Quero escrever sobre a vida, pois há pequeninas flores sob as esbeltas palmeiras, é uma noite com certa aragem respingada finíssima e fria, e o visitante foi embora depois do Porto de honra em homenagem a... Devo guardar um pouco de modéstia. Lembrar, no entanto, a visita de Vida que você me fez, com o seu livro de notas da escola, os resultados de sua obstinação, depois de sessenta dias pregado na cama.

Agradeço, hoje, a visita de Vida que você me fez e a sua bondade, e os seus olhos, e o seu sorriso de criança. E fico pensando na vida das naus que partem deste porto de pedra, que se vão para os seus destinos pela costa, pelas enseadas, um amor em cada porto, um porto em cada trecho de areia, e o sonho que perseguem com as suas velas brancas abertas aos ventos, brancas velas de alvíssimas aves, o olhar audacioso bicando a cortina distante do horizonte. O mais, sim, o mais é a viagem.

Os ventos brancos que enfunam a esperança, a quilha que corta rápida e ligeira, a asa que agora descansa flébil sobre esta parede de vento e vai deixando se levar pela onda e pelo espaço varrido, ondulado. Quem bate?

Certamente é você de novo, com as suas notas da escola, seu amor, seu coração e seu carinho no olhar de visita da Vida. Obrigada. Não foi agora você que veio, mas apenas a sua lembrança. Um Porto de honra, pois, ao seu esforço e à sua serenidade.

Rasga essas ondas, vai, cheio de ares importantes de verdade, mas simples no gesto tão amigo, que eu não esperava de você tanta felicidade, minha criatura.

O mais, o mais é estouvamento e o contraste de todos os encontrões pela rua. A mulher que ficou sozinha no apartamento do Flamengo e pensavam que tinha ido viajar. O corretor que...

Não, não quero falar de morte, hoje, pois houve uma grande visita da Vida, e uma visita de ramos de rosas pela testa olímpica, gentil, serena, fagueira. É noite e desejo para o seu sono e o seu descanso todas as aragens silenciosas da terra, as mais leves aragens, uma suave luz azul, um embalo de mar que nem uma berceuse, oleosa, sem ondas e sem dores. Recebe as minhas mãos molhadas desta água do meu mar represado nestas pálpebras, recebe-as, a essas mãos, sobre os cabelos noturnos com que dorme essa cabeça, meu filho. — Pt.

Meu Geraldo,

Seria melhor que tudo fosse deglutido e jogado fora.

Pela prisão, tempo-prisão, mundo que começa no nosso portão. Talvez não valesse a pena a gente passear retrospectivamente. Sempre implica marcha a ré. Sou contra a autocrítica. O aproveitamento da experiência se realiza espontaneamente, sem necessidade de dogmatização.

É que hoje tudo está brilhante. Eu te amo e nada mais tem importância. A exaltação desta manhã de luz cobre toda a inquietação persistente. Você é um homem. Eu sou uma mulher que é sua, meu homem.

O meu corpo quer extensão, quer movimento, quer zigue-zagues. Sinto os ossos furarem a palpitação da carne. As folhas estão verdes. As azaleias morrendo. Esse ventinho doloroso.

Talvez eu não devesse começar meu relatório hoje. Com olhos de sol. Que preguiça de pensar. A longa história cansa. Não será ainda uma modalidade de fuga? Uma justificativa contra o conhecimento? Quero rolar na areia e esquecer... Se eu tivesse a certeza de que não me custaria

nada falar, eu não falaria. Escrever já é um desvio favorável ao esconderijo. No fundo, eu penso na defesa dos detalhes, porque sei que os detalhes justificarão em parte minha maneira de ser. Ou não. A minúcia será o castigo de minha covardia. Minha humilhação está na minúcia.

Por que dar tanta importância à minha vida? Mas, meu amor: eu a ponho em suas mãos. É só o que tenho intocado e puro. Aí tem você minhas taras, meus preconceitos de julgamento, o contágio e os micróbios. Seria bom se eu tivesse o poder de ver as coisas com simplicidade, mas a minha vocação *grandguignolesca* me fornece apenas a forma trágica de sondagem. É a única que permite o gosto amargo de novo. Sofra comigo.

II

Na nebulosa da infância, a sensitiva já procurava a bondade e a beleza. Mas a bondade e a beleza são conceitos do homem. E a menina não encontrava a bondade e a beleza onde procurava. Talvez porque já caminhasse fora dos conceitos humanos.

Toda a vida eu quis dar. Dar até a anulação. Só da dissolução poderia surgir a verdadeira personalidade. Sem determinação de sacrifício. Essa noção desaparecia na voluptuosidade da dádiva integral. Ser possuída ao máximo. Sempre quis isso. Ninguém alcançou a imensidade de minha oferta. E eu nunca pude atingir o máximo do êxtase-aniquilamento: o silêncio das zonas sensitivas.

Talvez eu tenha a expressão confusa. Há uma intoxicação de vida. Parece que a paralisia começa desta vez. É difícil a procura de termos para expor o resultado da sondagem. É muito difícil levar as palavras usadas lá dentro de mim. Geraldo, compreenda, por favor.

O estado provisório da não satisfação completa já me legava outra volúpia — a da procura. Assim, tenho andado

farejando toda espécie de ideal.

O primeiro fato distintamente consciente da minha vida foi a entrega do meu corpo. Eu tinha doze anos incompletos. Sabia que realizava qualquer coisa importante contra todos os princípios, contrariando a ética conhecida e estabelecida. Com certeza, havia uma necessidade, mas não era nenhuma das chamadas necessidades, ou melhor, a necessidade nada tinha a ver com a entrega fisiológica do corpo. Antes desse fato, só lembro da inquietação anterior. Não havia falta de compreensão do ambiente. Isso, só depois comecei a sentir. Toda a minha vida. Naquele tempo eu é que não compreendia o ambiente. Eu me lembro que me considerava muito boa e todos me achavam ruim. As mães das outras crianças não queriam que eu brincasse com suas filhas e um dia até fui expulsa da casa do Álvaro George, da livraria, porque não queriam que eu tivesse contato com as suas crianças. Só consentiam ali minhas irmãs. Eu nunca consegui perceber minha perversidade. Tinham me feito assim e jogado em paredes estranhas. Andava então sozinha.

Não tive precocidade sexual. Praticamente, só fui sexualmente desperta depois do nascimento de Rudá. E não foi por precocidade mental que entreguei meu corpo aos doze anos incompletos. Se existia revolta contra as coisas estabelecidas, eu nem pensava nisso. E, no entanto, sabia que agia contra todas as normas e duplamente, pois não era livre o homem que me possuiu. Tinha plena consciência de todas as consequências que eu poderia ser obrigada a enfrentar. E não havia amor na entrega. Tudo

se passou sem o menor preparo. A predestinação dos impulsos. Ou a obediência à minha vontade determinante. Vontade que aparecia assim à toa.

Nesse dia, eu devia encontrar meu parente Ismael Guilherme, para uma volta de avião. Deixei a aula, indo procurar, na *Gazeta*, Olímpio Guilherme, que ia me levar ao campo. Quando chegamos, assistimos ao desastre. A poucos metros da morte, fui possuída. Não houve a menor violência de Olímpio, nessa posse provocada por mim.

Eu lhe falei, Geraldo, precisamente sobre isso, hoje. É difícil dizer o porquê das coisas. Muito mais difícil saber o porquê das coisas.

O amor surgiu depois. E avolumou-se na entrega total. Lembro minha submissão absoluta. Não ao homem. Ao amor. Obedecia à clandestinidade por comodidade. O sofrimento de mamãe me incomodava. Sempre procurei evitá-lo, quando isso não impunha uma quebra de resolução. Depois, Olímpio não me amava. Tinha uma situação complicada, que não queria desmanchar socialmente. Eu era uma criança. E só queria amar.

Esse meu primeiro jogo de sentimentos. (É incrível, meu Geraldo, mas quando resolvi lhe contar a memória de minha vida, pensei numa narrativa trágica — sempre achei trágica minha vida. Absurdamente trágica. Hoje parece apenas que lhe conto que fui à quitanda comprar laranjas.)

No meu caso com Olímpio, eu me lembro que houve desconfiança da minha família, por causa de uma carta. Mas, como o subscrito estava dissimulado com o nome de Baby e a assinatura resumida em Guilherme, eu atribuí a

carta a Guilherme de Almeida... Houve complicação e papai foi procurar o Guilherme, que, sendo avisado a tempo, confirmou a história. O auxílio dele não impediu que eu fosse espancada e a primeira brecha na cabeça vem daí. Sinto que quero fazer ironia barata. Piadas. daquelas suas piadas. Não. Tudo é tão cretino.

Minha primeira paixão. Minhas primeiras lágrimas. As primeiras humilhações. Porque com o amor veio o gosto amargo da repulsa pelo sexual. A aversão pela cópula. Mas havia a satisfação da dádiva. Aos catorze anos, estava grávida. E quis agir. Quis sair de casa. Resolvi falar sobre isso com Olímpio. E pedir-lhe que me levasse a um médico que confirmasse a maternidade. Mas não lhe disse nada, porque nesse mesmo dia tudo terminou. Ele me comunicou que partiria naquela semana para os Estados Unidos. O meu orgulho. Lembra? Quanto eu quis chorar, quanto eu sorri.

O que segue foi escrito há meses, na Detenção.

Ia partir. Ele quis falar. Alguma explicação piedosa, mas ela evitou a humilhação. Foi num dia cinzento entre os cedros do Jabaquara. Ficou-lhe a sensação do forte calor nos pés. Um vento gelado e um cachecol escocês voando. “Não diga nada. Vamos voltar para a cidade.” Parece que foram essas as palavras.

... Muita gente saindo do cinema. Um cubo grande de vidro cheio de pastéis.

Vontade de ir andando até cair e morrer. Tomei um bonde para Pinheiros. Depois, fui parar no Jardim América. Era o mato. E eu caí, chorei. Mas não morri. Um

automóvel passou. Era o Cirilo Júnior. Ele me carregou para a casa da Lolita, que era a pequena dele. Sei que me embriaguei. Que falei muito. Que me levaram ao Luciano Gualberto.



O ladrilho pegajoso nos lábios. O que fazer de tanto sangue? Todo o corpo se deformando. Se desfazendo na angústia. O sangue ostensivo entre os dedos, cabelos, olhos, os coágulos monstruosos entupindo tudo. É preciso não deixar esse sangue. É preciso beber esse sangue. Como não morri no auge da alucinação? Sentir nos dentes a consequência de tudo. Como livrar a vida dessa noite?



Tive que deixar a escola. Quase um ano sem poder escrever, sem poder segurar qualquer coisa. Noites e dias presa naquela cama odiosa, sem poder quase falar. Só o pensamento torturante. Os braços, as pernas feridas na parede. Mamãe, as noites comigo. Nenhuma solidão. Só a palavra amiga de Guilherme de Almeida, que de tudo sabia.

Depois andei pela vida de novo. Sem vida. Apareceu Euclides. E a perseguição de Cirilo. Com Euclides, eu poderia ter isolamento, solidão, liberdade. Aceitei a proposta, apesar de ela encantar o papai. Ele se casaria comigo. Ele tentava me compreender. Era a minha amizade e o meu refúgio. Num dia em que procurávamos violetas pela cidade, tomamos muita chuva. Ainda gracejamos com a morte. Eu prometi violetas para o cadáver de Euclides. Em consequência da pneumonia dessa tarde, Euclides morreu. Eu me lembro que papai foi me buscar na escola. O corpo de Euclides tinha chegado de Poços e estava torcido no caixão.

Continuava. Nada mais esperava da vida, a não ser, pacientemente, a evasão do ambiente em que vivia. Depois decidiria o resto. Em primeiro lugar, afastar-me. Um lugar onde pudesse respirar, longe de simulações, onde pudesse ser triste e livremente desgraçada. Para passar a maior parte do tempo fora de casa, estudava em três cursos. Faltava pouco para minha formatura e esperava essa oportunidade para, sem choques violentos, procurar o meu caminho. Conversava com Fernandinho Mendes e Olinto Guastini. Únicos colegas suportáveis. Era mais ou menos popular entre as colegas mulheres. A minha insubordinação nas aulas me garantia essa roda de simpatia, mas não achava nenhuma digna de minha preferência, a não ser a Vera, que hoje é casada com o José Olympio. Mas nunca houve grande intimidade entre nós.

Em 1929, conheci Bopp. Era qualquer coisa de novo. Ele e Fernando foram os primeiros que me ouviram com complacência na exteriorização de minha revolta contra a maneira de agir e de ser do resto do mundo conhecido. Bopp me acompanhava diariamente, quando deixava o conservatório. Ele e Fernando me prometeram amizade e compreensão. Eu recebera o diploma da escola. Ia tentar uma vida nova.

Em casa, conhecíamos toda espécie de necessidade e privações. Mas não conhecemos a miséria, mesmo porque a mentalidade pequeno-burguesa de minha família não permitiria que ela fosse reconhecida.

Morei no Brás até os dezesseis anos. Numa habitação operária, com os fundos para a Tecelagem Ítalo-Brasileira, num ambiente exclusivamente proletário. Sei que

*image
not
available*

*image
not
available*

e ela me seguia procurando a personalidade aparente. Dor de punhais que se introduzem para conhecer o avesso. É difícil explicar essa espécie de prisão dolorosa. Saber que a vida, a maneira de ser, pretende ser repetida. Eu adorava Syd. Eu era infeliz e vacilante. Mas queria ser infeliz sozinha. A responsabilidade que eu sentia era um tormento diário. Eu queria estar sozinha. Ser sozinha. Mas a perseguição de dependência era brutal, eu ansiando e preparando uma fuga: só a separação libertou-me em parte da identidade. Eu não sei se você compreende, Geraldo, o terrível dessas sensações. Lembra-se de um conto do Poe a que eu me referi um dia? Impressionou-me, porque eram ali tratados, com toda a intensidade, os tormentos que eu mesma tenho sofrido. O nosso reflexo objetivo. A tortura de se presenciar minuciosamente a repetição do eu. Era tão atroz, Geraldo, perceber o riso repetido, as lágrimas repetidas, os sentimentos, os interesses. Eu passei a me ocultar, a sorrir todo o tempo, a esconder meu ódio e meus sentimentos. Para que não fossem repartidos. Horrível, porque não havia realidade nem consciência. Não havia simples consciência de ideias, de gostos, de sensações. Era uma prisão mortal, que estava me levando à obsessão, à ideia fixa. Durante muito tempo, a minha vida foi só simular para me libertar, por desespero de perceber que a simulação era acompanhada.

Quando, às vezes, eu procurava uma evasão e me fechava, então surgia a hostilidade. Syd invejava a felicidade inexistente. E eu sentia seu ódio contra meu egoísmo. Ela sofria. E eu voltava para sofrer novamente.